

JUAREZ MACHADO E A ARTE COMO PRAZER DE VIVER

FERNANDO A. F. BINI



Repintando-se, 1983, óleo s/tela, 95x69,5cm.
Foto: Dico Kremer.

ARTIGO

JUAREZ MACHADO E A ARTE COMO PRAZER DE VIVER

O Museu Oscar Niemeyer comemora os 80 anos do multiartista em uma exposição que pontua a sua trajetória.

FERNANDO A. F. BINI
ABCA/PARANÁ

Uma grande exposição de caráter retrospectivo com o título *Juarez Machado, volta ao mundo em 80 anos*, aconteceu no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, de junho a setembro de 2022. Foram apresentadas aproximadamente 170 obras em desenho, pintura, escultura, fotografia e instalações que cobrem todo o percurso da vida do artista.

Com a curadoria privilegiada de Edson B. Machado, irmão do artista, a exposição teve um caráter intimista, característico dos ambientes familiares e particulares de vivência do próprio artista. Assim acredito que esta exposição poderia ter como título *Juarez Machado ou a arte como “Prazer de Viver”*.

Quando estamos entre as obras de Juarez Machado somos remetidos ao ambiente do artista francês Henri Matisse na sua obra pioneira “Le Bonheur de vivre” (“A Felicidade de Viver”, 1906) - a alegria, a felicidade, o prazer de viver é o que sentimos. A obra de Juarez exala este prazer pela vida na sua completude, é o deslumbramento em

meio ao brilho da cor e da forma.

Lembra também os versos de Charles Baudelaire no seu poema “O convite à Viagem” (título de outra obras de Matisse, *Luxe, calme et volupté*):

*Là, tout n'est qu'ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.*

(Lá, tudo é ordem e beleza, /Luxo, calma e voluptuosidade.)

Acredito que foi através de Matisse que ganhamos esta ambição de apreciarmos, em uma mesma cena, a sua poesia e o seu aspecto carnal, e assim é que toda a obra de Juarez sempre presta uma homenagem e uma homenagem à própria história da arte - a totalidade da obra do artista é isto: luxo, calma e voluptuosidade. É também uma homenagem à sua família, à sua vida pessoal e aos seus amigos próximos.

O eterno viajante, nômade, os lugares por onde passou, as viagens, as lembranças, as memórias, a história, os retratos e os autorretratos, tratados sempre com a suprema amabilidade de um gentleman.

Juarez Busch Machado, desenhista,

pintor, escultor, caricaturista, mímico, cenógrafo, escritor, fotógrafo e ator, isto é um *multiartista*, nasceu em Joinville, Santa Catarina, em 16 de março de 1941, começou a sua vida artística em 1960 quando veio a Curitiba para estudar na Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

A sua tomada de decisão se deu quando, em novembro de 1960 aconteceu em Joinville a *1ª. Amostra de Arte Moderna de Artistas Paranaenses*, e da qual participavam os artistas das primeiras gerações modernas que incluía toda a vanguarda do momento: Fernando Calderari, Fernando Velloso, Helena Wong, João Osorio Brzezinski, Luiz Carlos de Andrade Lima, e muitos outros.

Juarez Machado que, desde os 16 anos de idade, já havia decidido ser artista, achava que Joinville não tinha os meios necessários para os seus estudos, aquela exposição lhe mostrava que Curitiba, capital do Estado do Paraná, era a cidade mais próxima que podia lhe oferecer o que procurava. Chegando à cidade,

imediatamente fez a sua matrícula na Escola de Belas Artes do Paraná (EMBAP) e foi recebido por aqueles jovens artistas cujos nomes ele havia visto nos quadros da exposição.

Conhecida como pacata, Curitiba tem seus momentos de efusão criativa e um desses momentos aconteceu no final dos anos 1950 e no início dos anos 1960, desde a fundação da EMBAP (1948), com a presença, em Curitiba, do artista e professor Guido Viaro, tem o início esta aventura que gerou uma forte inquietação nos jovens artistas daquela época.

Um desses momentos de ebulição foi a criação da Galeria Cocaco, a primeira galeria de arte particular a trabalhar profissionalmente com arte moderna em Curitiba. Originada de uma pequena loja de molduras, tendo a sua frente o artista e futuro administrador cultural, Ênio Marques Ferreira.

Foi de lá que saiu, em 1957, a revolução modernista que deu início ao “Movimento de Renovação na Arte Paranaense” com a contestação desses artistas ao XIV Salão Paranaense de



Retrato do Artista com a escultura “Os Cavaleiros de Bucarém”. Foto: Artenacuca, 2021.

Belas Artes e que foi a consolidação do movimento moderno à partir de um artigo/manifesto do artista e intelectual Loio Pérsio com o título “O XIV Salão Paranaense de Belas Artes ou a Burrice Oficializada”.

Deste movimento de agitação intelectual e artística em Curitiba é que Juarez tomará parte desde a sua chegada, se integrando a tudo o que a Cidade podia lhe oferecer, tudo assimilando e tudo transformando artisticamente.

Apesar da pobreza franciscana que viveu, foi muito feliz em Curitiba. Durante o dia frequentava a Escola de Belas Artes do onde teve aulas com grandes professores: Leonor Botteri, Theodoro De Bona, Waldemar Kurt Freyesleben e Guido Viaro, foram os que mais lhe marcaram no seu intuito de ser, ele também, um grande pintor. Ainda na Escola, criou grandes amizades, os primeiros grandes amigos pintores foram: Cleto de Assis, Luiz Carlos de Andrade Lima, João Osorio Brzezinski, Fernando Calderari, Fernando Velloso, Domício Pedroso, Jair Mendes, os quais considera até



Desenho de humor, 1970. Foto do Catálogo Criador & Criatura, Banestado, 1994.

hoje a sua família curitibana.

Depois das aulas, iam todos para esta única galeria de arte da cidade, a galeria Cocaco e lá se reuniam com jornalistas, escritores, intelectuais, poetas, toda uma geração querendo ser artista.

Depois das conversas saía correndo para trabalhar na televisão que começava com seus primeiros sinais no Paraná. Lá, todo outro universo influenciava a sua vida, era a do mundo ligado ao rádio, à televisão e ao circo, criando outra plêiade de amigos como os irmãos Queirolo, Ary Fontoura, Odélair Rodrigues, Lala Schneider, Maurício Távora e sua esposa Jane e muitos outros. Fazia então cenografias para a televisão e para o teatro, e lembra que algumas vezes trabalhou também como ator.

Como tudo estava começando, não havia modelos a seguir, a alternativa era criar, pois o efeito visual da televisão era pouco aproveitado ou explorado, e foi a isso que Juarez então se dedicou, sem jamais abandonar a pintura. Conheceu igualmente a inteligência carioca e

paulista que circulava por Curitiba e se apresentava no “Guairinha” (o pequeno auditório, pois o Teatro Guaíra ainda estava em construção). Personagens como Gianni Ratto, Claudio Correia e Castro, Paulo Goulart e Nicette Bruno, Fernanda Montenegro e também Millôr Fernandes e Ziraldo (Alves Pinto), alguns deles já estavam na cidade para a preparação da inauguração da grande sala do Teatro Guaíra com a comédia de William Shakespeare, *A Megera Domada*, e para a qual Juarez Machado foi convidado para fazer os cenários. Descobriu-se como “desenhista de humor”, próprio de alguém inquieto em direção ao *nonsense*, à ironia e ao surreal, seus desenhos sempre eram construídos em um ambiente irreal e por vezes absurdo, ambíguo e com um preciosismo próprio que o afirmava primeiramente como artista gráfico.

Jovem, provocador, “conquistador de cidades”, afirmando sua identidade, Curitiba começou a se tornar pequena para as suas

aspirações. Ela foi o começo de tudo, mas entendeu que seu período de Curitiba tinha terminado, precisava de espaços maiores, algo mais nacional em busca do internacional. Em 1965, pretendendo não se acomodar, vai para o Rio de Janeiro, como depois, abandonando o prestígio e o conforto do Brasil, se muda para Londres e Paris.

No Rio de Janeiro frequenta um meio já conhecido e começa a fazer *cartoons*. Através da amizade com Ziraldo e Millôr Fernandes, teve que reestruturar a sua maneira como desenhava, a maneira como pensava, para poder usar toda essa formação e informação. No desenho de humor tinha que adquirir a força do ataque, da carga pesada para participar do humor brasileiro. Começou desenhando para jornais e revistas, como a revista *O Cruzeiro*.

“EM SEGUIDA VEM A MAESTRIA DA COR, UMA COR “MACHADIANA”, PRÓPRIA DELE, PRECIOSISTA, MAS QUE NÃO ESCONDE A ANGÚSTIA COMUM A TODO O SER HUMANO, MESMO SEM SER AGRESSIVA...”



Atelier sobre os telhados de Paris, 2005, óleo s/tela, 46x121,8cm. Foto: Dico Kremer.

No final dos anos 1970, pretendendo fazer arte brasileira em um mercado internacional, viaja para Nova York e Londres, em 1978 e, finalmente se estabelece em Paris em 1986, mas guardando sempre seus três ateliêres/residência: Joinville, Rio de Janeiro e Paris: “Meu ateliê é minha pátria, não importa em que parte do mundo” (Machado).

Comprometido com a figura e partindo do desenho com um traço marcante,

desenvolvido nas suas diversas atividades, desde quando estudante e depois pela incursão no desenho de humor, a fonte do seu *nonsense* e da sua ironia e que forjou toda a sua obra gráfica: “*Eu trabalho muito com o deboche, o humor é uma forma crítica que provoca e diverte*” (Machado). Teve também um quadro, uma vinheta, nos primeiros anos do programa *Fantástico*, da Rede Globo, quando atuava como mímico, lembrando

por vezes Carlitos, e que ele se definia como sendo um “desenhista do gesto”.

Em seguida vem a maestria da cor, uma cor “machadiana”, própria dele, *preciosista*, mas que não esconde a angústia comum a todo o ser humano, mesmo sem ser agressiva: “*dos desenhos fiz meus ossos, das tintas fiz a minha carne e o sangue fiz da emoção*” (Machado, 2002). É uma cor própria, intensa, marcante, expressiva e que



Lembranças do Piano de Tom Jobim, 1994, 73,4x100cm. Foto: Dico Kremer.

cria o próprio universo do artista. Como curiosidade, esta força cromática fez com que o diretor de cinema francês Jean-Pierre Jeunet a utilizasse em seu filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, cujas cenas ocorrem também no Bairro Parisiense de Montmartre, onde mora o artista e cujo enredo fala sobre a importância de saber aproveitar os pequenos prazeres da vida.

Assim os seus assuntos são a sua vida, apaixonado pelos anos loucos das décadas de 1920 e 1930 e “pensa ser habitado por um artista do século XIX”: a alegria de viver, ou melhor,



Sem título, 2018, desenho s/papel, 65x95cm.
Foto do autor.

o prazer de viver, como vimos em Matisse, mas também em Kees van Dongen ou Picasso. Juarez não frequenta a “Place de la Contrescarpe”, mas a “Butte Montmartre”, o ninho onde nasceu a arte moderna desde os finais do século XIX, e toda aquela atmosfera parece ainda permanecer em sua obra - era seu sonho possuir um atelier em Montmartre.

É ele quem nos ensina a olhar as mulheres, todas elas, através das suas representações amaneiradas. Grande parte de sua obra é uma “Ode às mulheres sofisticadas”, mulheres sensuais, sedutoras, provocantes como as de Baudelaire, mas as suas são encontradas no seu universo particular “machadiano”, rodeadas seja pelos malandros cariocas ou pelos libertinos franceses, que se refugiam na poesia para se salvarem do tédio mortal da vida ordinária. Muitas vezes Juarez também é o personagem de suas pinturas, o *flâneur/voyeur* sempre acompanhado de mulheres sensuais e requintadas, elegantes como ele, tanto na imagem quanto na vida real.

Através de suas obras, Juarez nos faz refletir sobre o prazer que temos ao observar toda a beleza que está a nossa volta, olhar o mundo sempre com os olhos do artista, ver este mundo colorido e brilhante.

Difícilmente rotulável, é poético e mágico, ele não é um surrealista, mas por vezes lembra René Magritte, como podemos apreciar em “Repintando-se”, de 1983, que é auto referencial.

É sempre com o prazer de viver, que ele homenageia os seus conterrâneos poetas, primeiro foi o grande poeta simbolista catarinense João da Cruz e Souza quem mereceu uma pintura, segundo ele, uma pequena canção (“Seios” ou “Farol dos Naufragados”, 1997), à partir dos versos do poema *Seios* de Cruz e Souza: “*Os seios virginais, talamos vivos, / onde do amor nos êxtases lascivos / velhos faunos febris dormem sonhando...*”.

E também ao poeta catarinense Lindolf Bell (“O Poeta e o Rio Itajaí-Açu”, 1999): “*Pinteí ele nu, nas águas do rio Itajaí-Açu, rasgando as paginas dos seus poemas para alimentar as sereias*” (Machado, 2018).



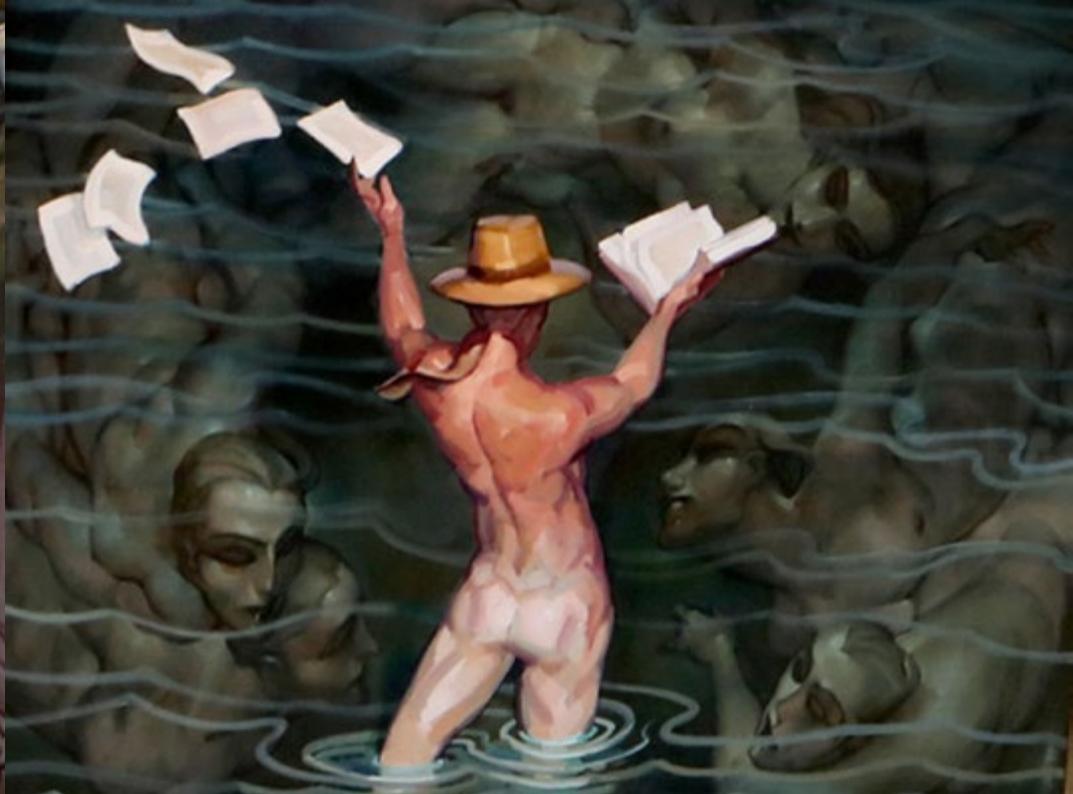
Seios (Poema de Cruz e Souza) ou Farol dos Naufragados, 1997, óleo s/tela, 87,7x116,8cm. Foto do autor,

Desde a sua primeira exposição individual, a bicicleta é uma constante em sua obra, pintura ou escultura, segundo ele, a bicicleta foi sempre presente na sua história em Joinville, cidade das bicicletas, mas são elas que dão movimento a sua pintura e, por isso, aparecem em vários períodos da sua carreira. A bicicleta, as mulheres e as cores intensas. Por vezes vem associada com a chuva, outra constante de Joinville (mas também de Curitiba):

“Joinville, a filha da chuva por incompetência do sol”, diz Juarez Machado.

Surge também a bicicleta de rodas quadradas, que além da homenagem a popularidade dela em sua cidade é *“uma bicicleta de rodas quadradas para andar em uma cidade cheia de buracos redondos. E eu me refiro a Florianópolis e a Joinville”*, acrescenta o artista.

A escultura sempre acompanhou sua obra pictórica desde os anos 1960,



O poeta e o rio Itajaí-Açu, 1999, óleo s/tela, 94,7x128,50cm. Foto do autor.

contudo sua escultura também é gráfica, seja pela solução formal ou pela referência ao desenho. Em 1962 ganhou o título de Melhor Escultor do Paraná no 19º. Salão Paranaense de Belas Artes e no ano seguinte estagiou com o escultor Francisco Stockinger em Porto Alegre, RS.

Uma pequena escultura em bronze (*“Sem título”*, 2000) sugere reflexão, quase um testamento do artista, quando a figura de um pensador em pé (talvez um autorretrato), no limite



Sem título, 2000, escultura em bronze, 22x26,7x21,8cm. Foto: Dico Kremer.

de uma palheta de tintas olha para as porções de cores de cuja amálgama surgem os corpos humanos.

As fotografias lembram um Gabinete de Curiosidades, o colecionismo, fotos de família, autorretratos, lúdicos, com humor. Obras que devem ser desveladas na sua história, cada uma conta fatos da existência do artista.

No ano de 2014 Juarez cumpriu sua promessa feita ainda na infância de que voltaria a Joinville para criar um espaço onde todos pudessem conhecer e apreciar a arte livremente. Criou assim, à partir da antiga casa da família Busch Machado, o *Instituto Internacional Juarez Machado*, como uma verdadeira declaração de amor e dedicação à sua cidade natal.

Hoje Juarez Machado é considerado um artista internacional que leva a linguagem do desenho e da cor brasileiros para o resto do mundo.

Se Juarez encontrou em Curitiba o que queria, e o que queria era ser pintor, deixou também entre seus companheiros e colegas de turma uma sólida amizade desde o “batismo de

fogo” no atelier de Luiz Carlos de Andrade Lima, foi o momento agora de Curitiba responder a sua homenagem e sua fidelidade com a cidade, oferecendo-lhe uma exposição no seu melhor museu, o Museu Oscar Niemeyer (MON), quando o artista completou os seus oitenta anos de vida em 2021 e sessenta anos de vida artística.



Vista geral da Exposição, 2022. Foto do autor.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Adalice. *Arte Paranaense: expressionismo*, Ciclo de Debates sobre Expressionismo no Brasil, 18ª. Bienal de São Paulo, São Paulo, novembro de 1985.

BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du mal*, Paris: Grands textes classiques, 1995.

BINI, Fernando. “Juarez Machado: Estive e estou em Curitiba”, (in) *Catálogo de Exposição*, Museu Guido Viaro, Curitiba: Artestil, 2018.

GIRARD, Xavier. *Matisse “Une splendeur inouïe”*, Paris: Ed. Gallimard, 1993.

JUSTINO, Maria José (org.). *50 anos do Salão Paranaense de Belas Artes*, Curitiba: MAC/Funpar, 1995.

MACHADO, Juarez. *Soixante-dix*, Paris: EPS imp., 2011.

MACHADO, Juarez. Entrevista com o autor, Joinville, outubro de 2018.

FERNANDO BINI

Fernando Antonio Fontoura Bini, professor de História da Arte e Estética, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Artista Plástico formado pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Pesquisador e Crítico de Arte, desenvolve pesquisas sobre a arte e o design contemporâneos brasileiros.